

Zenón Rolón: um negro de duas almas na Argentina pós-abolição

Zenón Rolón: un negro de dos almas en Argentina de la post-abolición

Zenón Rolón: a black man with two souls in post-abolition Argentina

Petrônio Domingues*

Carlos Eduardo Alexandre Francisco*

Resumo: Em 1877, Zenón Rolón, um maestro e compositor afro-argentino, publicou na Itália *Dos palabras à mis hermanos de casta*, um folheto que criticava de forma pungente o atraso e a pouca organização da “comunidade de cor” de sua terra natal. A publicação gerou polêmica por cerca de um ano. Este artigo tem a finalidade de abordar tal polêmica, analisando as ideias de Rolón veiculadas pelo folheto, assim como a sua repercussão no seio da comunidade afro-argentina, sobretudo entre os intelectuais e órgãos da imprensa, que se viram divididos: enquanto algumas vozes se contrapuseram à visão do músico, outras se alinharam.

Palavras-chave: Argentina; “homens de cor”; imprensa negra.

Resumen: En 1877, Zenón Rolón, un maestro y compositor afroargentino, publicó en Italia “Dos palabras a mis hermanos de casta”, un folleto que criticaba de manera punzante el retraso y la poca organización de la “comunidad de color” de su tierra natal. La publicación generó polémica por casi un año. Este artículo tiene la finalidad de acercarse a dicha polémica, analizando las ideas puntuales de Rolón expresadas en el folleto, así como su repercusión en el seno de la comunidad afroargentina, especialmente entre sus pares intelectuales y órganos de prensa, que se vieron divididos: mientras algunas voces se opusieron a la visión del músico, otras se alinearon con él.

Palabras-llave: Argentina; “hombres de color”; prensa afroargentina.

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: pjdomingues@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0116-5064>.

** Mestre e doutorando em História na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: eduardo.llexandre@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7325-6208>.

Introdução

ENTRE OUTUBRO DE 1877 e setembro de 1878, uma celeuma tomou as páginas da imprensa negra da Argentina. O motivo da polvorosa foi a publicação, na Itália, de *Dos palabras à mis hermanos de casta*, folheto de autoria de Zenón Rolón. Escrito na cidade de Florença, o folheto poderia ser adquirido em Buenos Aires na Librería del Colegio a um preço bastante acessível de 5 pesos argentinos.¹ Com um teor crítico e tons severos de julgamento, Rolón intimava a “sociedade de cor”² de Buenos Aires e de outros pontos do mundo atlântico para ingressarem nas fileiras do progresso. Por meio de seu folheto, Rolón procurava mostrar aos leitores as possibilidades existentes para que “homens e mulheres de cor” se afastassem do atraso, miséria e indiferença em que viviam:

a revolução sul-americana resultou na expulsão dos ibéricos, nossos opressores: santa foi a revolução que tanto glorifica a todos os sul-americanos e é também uma das maiores páginas da história, porque não trouxe apenas a liberdade e o progresso de um continente inteiro, mas também a vingança desta parte da humanidade, que foi pisoteada injustamente [...] Meio século se passou e ainda vemos nossos irmãos oprimidos. Hoje esta cruzada não interessa à Inglaterra nem a outros. E sim, a nós mesmos [...] Qual é o estado atual de nossa raça e qual é o seu progresso? Eu a estimaria e gostaria de vê-los com todo o luxo possível, sabendo também que vocês são educados, que conhecessem seus deveres e seus direitos, e que não pertencessem à servidão [...]. Aliás, vocês vão me perguntar se esses são os conselhos, e se essa é a defesa que faço em favor de nossa causa, mostrando-lhes nossos defeitos; [...] ninguém melhor do que eu pode dizer para vocês a verdade, porque o amor de irmão e compatriota nos une.³

Mas quem era Zenón Rolón? Um respeitado maestro e compositor afro-argentino. Nascido em 23 de junho de 1856, em Buenos Aires,⁴ ele iniciou seus estudos musicais aos 13 anos de idade com o professor de piano Alfredo Quiroga em 1868. Também “homem de cor”, Quiroga ocupou o cargo de organista nas igrejas de Nossa Senhora de la Merced, San José de Flores e San Ignacio, na capital argentina. Não se sabe os nomes dos pais de Rolón, sendo que se tem informações apenas sobre sua irmã mais velha, Ventura.⁵

1 FOLLETO. *La Broma*, [s./l.], p. 4, 18 oct. 1877.

2 Eis os principais termos utilizados pelos afro-argentinos para se autoidentificarem nas páginas dos periódicos: “sociedad del color” e “hombres del color”. Neste artigo, traduzimos para “sociedade de cor”, “homens de cor”, “comunidade de cor”, “coletividade de cor” etc. Vale ressaltar que essas formas de identificação também eram atribuídas externamente aos afro-argentinos, vez que encontramos, nos periódicos consultados, excertos do tipo: “hombres de color como se nos dice” ou “hombres de color como nos llamam”. Todavia, os afro-argentinos ressignificaram esses vocábulos e expressões, invertendo sua conotação de negativa para positiva; com isso, reagem ao preconceito racial que sofriam. Ver a análise feita por GÉLER, Lea. **Andares negros, caminos blancos**: afroporteños, estado y nación: Argentina a fines del siglo XIX. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2010. p. 57-58.

3 ROLÓN, Zenón. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. Florença: Tipografia Fioretti, 1877. p. 6-7-8.

4 GHIDOLI, María de Lourdes. “Rolón, Zenón”. *Oxford African American Studies Center*, Oxford, 31 may 2017. Disponível em: <https://oxfordaasc.com/view/10.1093/acref/9780195301731.001.0001/acref9780195301731e-50838>. Acesso em: 15 fev. 2024.

5 GHIDOLI, op. cit.

Figura 1: Zenón Rolón



Fonte: *Historia de la música en la Argentina*, de Vicente, 1961.

Figura 2: Zenón Rolón, Dagnino Hnos



Fonte: Archivo General de la Nación (AGN), 1899.⁶

Em 1873, ano em que obteve uma bolsa de estudos, Rolón partiu para Florença, a fim de estudar música clássica. Essa viagem foi um marco para a conversão de Rolón em um “sujeito moderno”, uma referência ilustrada, em um período em que a Europa era considerada o centro da civilização ocidental. Paul Gilroy sugere que a ampliação da cidadania foi um dos motivos pelos quais algumas personalidades negras optavam pela vida no exterior. Ainda que muitos viajassem para fugir de um cenário de segregação racial, como foi o caso de vários afro-estadunidenses, houve aqueles negros que viam nas viagens oportunidades para aquisição de novos códigos e para se sentirem mais capacitados para enfrentar as restrições que lhes eram impostas no final do século XIX e início do XX.⁷

Enquanto viveu em Florença, Rolón compôs e publicou duas polcas para piano, *El Progreso* e *La Porteña*. Ao se mudar para Milão, outra cidade italiana, ele se tornou amigo do músico brasileiro Antônio Carlos Gomes.⁸ Com efeito, embora vivesse na Europa, Rolón

6 Embora não sejam objeto de análise deste artigo, as fotografias legadas de Zenón Rolón são documentos interessantes. Na primeira delas (Figura 1), na qual o vemos com a cabeça descoberta, podemos observar que seu fenótipo afro-argentino é evidente. No entanto, a imagem que perdurou do músico é a visivelmente branqueada do lado direito (Figura 2), que, conforme afirma Norberto Pablo Cirio, é um dos poucos retratos de um afro-argentino no final do século XIX. Rolón foi imortalizado pelas lentes do fotógrafo como um cavalheiro moderno, elegante e distante de qualquer vestígio de aparência que possa ser considerado desalinhado e grosseiro, atributos que muitas vezes foram associados aos africanos e aos seus descendentes na Argentina. Ver: CIRIO, Norberto Pablo. *Black Skin, White Music: afroporteño Musicians and Composers in Europe in the Second Half of the Nineteenth Century*. *Black Music Research Journal*, Champaign, v. 35, n. 1, p. 23-40, 2015.

7 GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.

8 O encontro e a amizade entre os músicos foram noticiados no periódico *La Broma*. EL SEÑOR Rolón. *La*

cultivou vínculos com seu país natal. Mantendo-se na Itália por seis anos, retornou a Buenos Aires em 1879.⁹ Foi no período que viveu em Florença que ele escreveu o folheto *Dos palavras à mis hermanos de casta*, em 1877.

Este artigo tem o intuito de investigar as ideias de Rolón difundidas pelo folheto, assim como a sua repercussão no seio da população afro-argentina, sobretudo entre seus intelectuais e veículos de comunicação, que teceram questionamentos a respeito dos comportamentos e estereótipos atribuídos pelo maestro e compositor aos negros de Buenos Aires. O posicionamento de Rolón vai ser apreendido à luz do conceito de “dupla consciência”, tal como formulado por W. E. B. Du Bois, para quem a formação da identidade negra na modernidade ocidental é marcada por “duas almas, dois pensamentos”: de viver dividido entre as afirmações de particularidade racial e o pertencimento nacional que transcende a raça:

é uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com divertido desprezo e piedade. E sempre a sentir sua duplicidade – americano, e negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destróce.¹⁰

De acordo com Du Bois, ser negro, a partir da experiência de deslocamentos, migrações e viagens (forçadas ou não) relacionadas à escravidão moderna e sua herança racializada espreada pelo mundo atlântico, é ter no plano da consciência “duas almas” – negra e nacional –, ou seja, é viver permanentemente uma dualidade identitária, de pertencer simultaneamente a um grupo racial (de afirmação particularista) e à modernidade ocidental (de retórica universalista).

Zenón Rolón era um negro de “duas almas”; viveu essa ambivalência de sentimento de pertença, comungando a “percepção de que o mundo moderno estava fragmentado ao longo de eixos constituídos pelo conflito racial e poderia acomodar modos de vida social assíncronos e heterogêneos em estreita proximidade”.¹¹ Assim, é importante salientar que

Broma, [s./], p. 1-2, 20 jul. 1879. Carlos Gomes foi um reconhecido músico brasileiro, talvez o mais importante compositor de óperas, que viveu na Itália, onde estudou e fez uma carreira de destaque lá. Assim como Zenón Rolón, Carlos Gomes era de origem afrodescendente e, no período em que residiu na cidade de Milão, sofreu inúmeras manifestações de “preconceito de cor”, como, por exemplo, nas representações caricaturais da imprensa, que usavam de sua imagem vestido como um “selvagem” para lhe retratar depreciativamente. Estas imagens circulavam amiúde nos jornais, que até elogiavam sua produção musical, mas o enxovalhava com citações estereotipadas. Sobre a trajetória de Carlos Gomes, ver NOGUEIRA, Lenita W. M. **A lanterna mágica e o burrico de pau**: memórias e histórias de Carlos Gomes. Campinas: Arte Escrita, 2011.

9 Existe uma pequena bibliografia sobre Zenón Rolón. Ver: GELER, Lea. Afrodescendencia y mundo urbano popular en Buenos Aires (1895-1916): el caso de Zenón Rolón y Chin Yonk. **La articulación del estado en América Latina**, Madrid, p. 207-226, 2013. VIVIANA, Paula *et al.* Zenón Rolón: un ejemplo sobre la “inclusión” de los negros en a sociedad porteña de fines del siglo XIX. *In*: JORNADAS INTERESCUELAS/ DEPARTAMENTOS DE HISTORIA, 14., 2013, Mendoza. **Anais** [...]. Mendoza: Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, 2013. CIRIO, Norberto Pablo; GUARNIERI, Augusto Pérez. Candombe: tambor, reunión, música. Reflexiones en torno a testimonios escritos y orales del candombe porteño como “género musical” a partir de una obra de Zenón Rolón. **Revista Transcultural de Música**, Barcelona, n. 25, p. 2, 2021.

10 BOIS, William Edward B. Du. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999. p. 54.

11 GILROY, op. cit., p. 368.

essa ambivalência identitária – tecida em camadas no pensamento de Rolón – fez parte da experiência afrodiaspórica, sendo compartilhada em alguma medida pelos negros na Argentina.

Vale ressaltar que parte da imprensa de Buenos Aires reconhecia Rolón como um grande maestro e compositor. Contudo, boa parte das notícias publicadas cobriram as atividades do músico quando este já acumulava uma experiência na Europa, o que evidencia que os anos de formação no Velho Continente foram fundamentais para ele auferir capital simbólico e ascensão social. Os espaços frequentados pelo maestro, restritos à maioria dos descendentes de africanos na Argentina, é uma indicação da mobilidade que ele desfrutou.

Todavia, é importante que se diga: Rolón estava inserido em um contexto em que as ideias do racismo científico e da supremacia racial branca viviam seu apogeu, consubstanciando-se, por exemplo, nos projetos do imperialismo europeu na África, bem como nas políticas de subalternização das pessoas afrodescendentes nas Américas no período pós-abolição. De certa forma, neste ponto crucial, o maestro e compositor encarnava a contradição de uma nação que, ao silenciar sobre as origens africanas de seus cidadãos, começava a se imaginar como branca.

Contexto

Os AFRICANOS TRAZIDOS como mão de obra escravizada para Buenos Aires, juntamente com seus descendentes, formaram um significativo segmento das classes subalternas na província argentina no início do XIX. Quando Juan Manuel de Rosas assumiu o governo de Buenos Aires, em dezembro de 1829, buscou o apoio desse grupo para construir e consolidar seu regime, que se estendeu, com uma breve interrupção entre 1833 e março de 1835, até o início da década 1850. Isso fez com que a população de origem africana fosse vista pelos opositores como uma base de apoio do rosismo e, por conseguinte, desprezada pelos políticos e membros da elite que emergiram após a derrota de Juan Manuel de Rosas na batalha de Caseros em 1852.

Com a destituição Rosas, a Argentina entrou em um novo período sociopolítico que redefiniria sua identidade nacional. A ascensão dos políticos liberais do Partido Unitario¹² e da influente geração de 1837 marcou uma era de transformações em que a noção de “civilidade” europeia se tornou central. Esse grupo de intelectuais e políticos visava superar os tumultuados anos pós-independência, associando o regime anterior a imagens de “barbárie” e buscando estabelecer uma nação homogênea em termos culturais e raciais.¹³

12 Surgido no período pós-independência, o Unitario era um partido político de tendência liberal, aliado à Grã-Bretanha, que defendia a necessidade de um governo centralizado nas Províncias Unidas do Rio da Prata.

13 SHUMWAY, Nicolas. **A invenção da Argentina**: história de uma ideia. São Paulo: USP; Brasília: UnB, 2008. Especificamente os capítulos 7-8.

Também promoveu a imigração europeia, centralizou o país em Buenos Aires e utilizou a Conquista do Deserto para enfrentar grupos considerados atrasados.¹⁴

No que concerne à literatura romântica do período, esta desempenhou um papel significativo na construção de representações sociais, urdindo personagens – o “gaúcho”, o “índio” e o “negro” – como símbolos de barbárie. O discurso literário servia para reforçar ideias dominantes sobre a diversidade racial e seu papel no progresso nacional. Homens e mulheres africanos e seus descendentes adquiriram destaque nas obras literárias da época, bem como nas publicações históricas argentinas do final do século XIX, sendo alvo de uma série de narrativas depreciativas, que iria ser reeditada ao longo dos anos. Eram acusados, por exemplo, de espões e traidores de seus patrões e senhores, na medida em que os delatavam ao governo de Juan Manuel de Rosas. Os relatos dessas colaborações com o “tirano” Rosas e supostas traições aparecem nos escritos de José Marmól, Esteban Echeverría e dezenas de outras tramas literárias. Tais autores estavam envolvidos no projeto de uma “comunidade imaginada”¹⁵ na segunda metade do século XIX e suas novelas antirosistas ajudaram a difundir os estereótipos sobre os negros.¹⁶

Por outro ângulo, não se deve pensar que faltaram vozes dissidentes frente aos estereótipos, à discriminação e ao desrespeito à promessa de igualdade prevista nas leis pós-Rosas. Houve vozes que desafiaram o discurso dominante: a cultura impressa afro-portenha, por exemplo, revela o empenho dos autores desse segmento populacional por inclusão na história e na nação.¹⁷ O novo projeto modernizador, que não poupava os grupos sociais “desajustados”, encontraria resistência entre os afro-argentinos, que procuravam se organizar e ocupar a esfera pública a partir da qual pudessem se pensar como coletivo, autorrepresentar-se, expressar seus pensamentos e elaborar discursos em torno de sua própria identidade, redefinindo as imagens e representações que a sociedade argentina e a intelectualidade teciam sobre os africanos e seus descendentes no país.¹⁸

14 PASSETTI, Gabriel. De “Civilização e Barbárie” às “Campanhas do deserto”. Relações políticas e guerras entre indígenas e criollos no sul da Argentina (1852-1885). **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 3, p. 223-227, 2005.

15 ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

16 ECHEVERRÍA, Esteban. **El matadero**. Buenos Aires: El Aleph, 2020. SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**: ou civilização e barbárie. Cosac Naify, 2010. MÁRMOL, José. **Amalia**. [s.l.]: Alpha Edition, 2020. ALBERTO, Paulina L. **Leyenda negra**: Las múltiples vidas de Raúl Grigera el poder de los relatos raciales en Argentina. Buenos Aires: Prometeo libros, 2024. p. 65-67.

17 GELER, Lea. Guardianes del progreso. Los periódicos afroporteños entre 1873 y 1882. **Anuario de estudios americanos**, v. 65, n. 1, p. 199-226, 2008.

18 Convém ressaltar que a narrativa de uma Argentina branca também impactou o sistema de classificação racial e mesmo o resultado de alguns censos oficiais, na medida em que incentivou a não coleta de informações sobre os grupos étnico-raciais que compunham a nação. Tal prática cooperou para maior invisibilidade de indivíduos com traços fenotípicos que poderiam indicar ascendência africana. Por outro lado, as formulações de alguns censos demográficos estiveram em sintonia com o uso de políticas de “branqueamento”, daí a substituição dos termos “negros”, “mestiços”, “pardos” etc., para “africanos” e “estrangeiros”. Somente em 2010 a Argentina voltou a recolher informações sobre a composição étnico-racial da população para os censos oficiais. Os afrodescendentes foram computados em 1,8% da população. Entretanto, atualmente, sua representação é diversificada e pulsante, sob a forma inclusive de movimentos sociais. Assim, sabemos que os afro-argentinos não desapareceram da nação, mas se tornaram “invisíveis” pelo apagamento nos registros oficiais do Estado e/ou pela sua própria vontade. Ver: ALBERTO, Paulina L. **Leyenda negra**: las múltiples vidas de Raúl Grigera o el poder de los relatos raciales en Argentina. Buenos Aires: Prometeo libros, 2024. p. 46.

No que diz respeito aos estudos sobre esse segmento populacional, muitos destacam sua presença significativa no final do século XVIII e início do XIX, bem como seu suposto declínio e desaparecimento na segunda metade do século XIX. Por consequência, ao largo do século XX, a maioria dos argentinos terminou por acreditar que no país já não havia população afrodescendente. O declínio da população afro-argentina foi baseado em quatro fatores: abolição da escravidão, em 1853; os altos índices de mortalidade e baixas taxas de fertilidade da população negra; a grande quantidade de homens negros mortos durante o período de guerras que prejudicaram a Argentina no período de 1810-1870; a miscigenação. A esses fatores também se inclui a grande quantidade de imigrantes que adentraram ao país e a epidemia de febre amarela, que assolou determinados bairros de Buenos Aires durante o ano de 1871.¹⁹

Não obstante, no caso de Buenos Aires, no período próximo ao da independência da Argentina, os afro-portenhos oscilavam entre 20% e 30% da população da cidade. Na década de 1830, representavam 27%, o que, em números absolutos, representavam 14.928 indivíduos de uma população com 62.957 habitantes. Nas últimas décadas do século XIX, no entanto, a população do país quadruplicou, principalmente devido à chegada de imigrantes provenientes da Europa. Em 1897, os afro-argentinos de Buenos Aires representavam menos de 2% da população do país, o equivalente a 8.005 pessoas para uma população de 433.375 habitantes.

Os dados acima mostram que, a despeito do propalado desaparecimento, os afro-argentinos não foram de fato apagados do censo, sendo os números bastante significativos.²⁰ A força da ideia de “desaparecimento” deles está ligada a razões específicas da construção de uma “comunidade imaginada”, processo iniciado já na primeira metade do século XIX e aprofundado em suas últimas décadas, que se configurou como a narrativa predominante. Contudo, esses recursos narrativos, por sua vez, não fizeram desaparecer os afro-argentinos.

O ano de 1858 parece ter sido um momento chave em Buenos Aires: foram fundados os primeiros jornais dirigidos e escritos por afro-portenhos: *La Raza Africana - Democrata Negro* e *El Proletario*. Não por acaso, esse ano foi percebido por um grupo de afrodescendentes como um momento de regeneração “racial”, social e política, que levou ao surgimento de lideranças no seio do grupo em Buenos Aires. A partir da década de 1860, multiplicou-se o associativismo afro-portenho vinculado a projetos sociais, educacionais e culturais.²¹ Embora efêmera em certos casos, a imprensa negra na Argentina atingiu

19 ANDREWS, George Reid. **Los Afroargentinos de Buenos Aires. 1800-1900**. Buenos Aires: De la Flor, 1989.

20 Uma análise mais detalhada sobre os números censitários da população negra em Buenos Aires pode ser encontrada no livro de George Reid Andrews, *Los Afroargentinos de Buenos Aires*, capítulos 5 e 6.

21 Sobre as associações formadas por africanos e seus descendentes em Buenos Aires durante o século XIX, ver MIRANDA PEREIRA, Leonardo Affonso. Do Congo ao Tango. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 30-51, 2011. CHAMOSA, Oscar. **Asociaciones africanas de Buenos Aires de 1823-1880: Introducción a la sociabilidad de una comunidad imaginada**. 1995. (Tese) – Universidad Nacional de Luján, Departamento de Ciencias Sociales, 1995.

seu ápice de popularidade entre 1876 e 1882, período em que vintenas de periódicos – como *La Broma*, *La Perla*, *La Juventud*, *El Unionista*, *La Luz* e muitos outros – circularam simultaneamente em Buenos Aires. Por meio dessa imprensa é possível acessar a um “fórum” aberto de discussão e participação da “sociedade de cor”.²² Ao que tudo indica, os periódicos foram elementos essenciais para a formação da identidade do grupo. Neles, os intelectuais negros se viram como os responsáveis pela integração da “comunidade de cor” à sociedade argentina. Os jornais afro-portenhos representaram, sem dúvida, uma tentativa ambiciosa de afirmação e reabilitação racial. Impulsionados por um grupo de intelectuais, eles evidenciam o esforço coletivo de “homens e mulheres de cor” em direção à cidadania, procurando “civilizar” ou “regenerar” uma “raça” que deveria distanciar-se de uma vez por todas de um passado de “barbárie”.²³ No entanto, como compreender historicamente o surgimento desse grupo de intelectuais?

* * *

Nascidos nas décadas de 1850/1860, esse grupo de letrados afro-argentinos teve acesso à escolaridade e foi alfabetizado no contexto sociopolítico após 1852.²⁴ Ou seja, suas infâncias coincidiram com a expansão da educação popular que teve lugar na segunda metade do século XIX, especialmente durante os mandatos de Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874), que, tendo a educação como uma das prioridades de sua administração, ampliou o sistema de ensino público, o que provocou uma queda nos índices de analfabetismo. Isso nos ajuda a explicar a expansão da cultura impressa e, por conseguinte, a proliferação de periódicos afro-argentinos em Buenos Aires nas décadas seguintes, período em que essa geração de pessoas negras, alfabetizadas durante as décadas anteriores, alcançou a maioria.

María Agustina Barrachina observa que, desde a década de 1830, o sistema escolar em formação estava permeado por preconceitos raciais, sociais e de gênero, resultando em exclusões e discriminações. Em resposta, alguns afrodescendentes buscaram garantir a educação de seus filhos, considerando-a essencial para a inclusão social e cívica. No período de 1850/60, um grupo de afro-argentinos mobilizou-se por meio de denúncias públicas e petições ao governo para reivindicar igualdade educacional.

22 O trabalho mais abrangente sobre a imprensa negra é o livro de Lea Geler, que analisa 27 títulos circulantes em Buenos Aires entre 1858 e 1885. GELER, op. cit., 2010. Em 2021, Pablo Cirio publicou um estudo sistemático sobre periódicos produzidos por “pessoas de cor” em Buenos Aires, oferecendo uma análise mais coesa dos chamados periódicos negros. CIRIO, Norberto Pablo. Indización de los periódicos afroporteños (1858 a principios del siglo XX). **Revista Electrónica de Fuentes y Archivos**, v. 12, n. 12, p. 30-70, 2021.

23 FRIGERIO, Alejandro. De la desaparición de los negros a la reaparición de los afro-descendientes: comprendiendo la política de las identidades negras, las clasificaciones raciales y de su estudio en la Argentina. In: LECHINI, Gladys (comp.). **Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina**. Herencia, presencia y vision del otro. Buenos Aires: Clacso, 2008. p. 117-144.

24 Foi uma geração de intelectuais negros argentinos que nasceu majoritariamente em meados do século XIX, crescendo pós-governo de Juan Manuel de Rosas, deposto em 1852. Este não é um dado menor, pois esses intelectuais tentavam distanciar-se do rosismo. Apesar de hostilizados na nova arena política, eles procuraram inserir-se como cidadãos com direitos iguais no novo projeto de nação que se dizia progressista, um projeto que atingiu o seu apogeu com a geração de 1880. Ver: SHUMWAY, op.cit., 2008. Especificamente os capítulos 7-8.

Aproveitando o contexto político da época, alinharam-se ao discurso liberal, enfatizando valores republicanos e democráticos, enquanto se distanciaram do rosismo e fundaram escolas exclusivas para meninas e meninos negros. As escolas, por sua vez, ofereciam capital cultural e permitiram que muitos afro-argentinos demandassem sua inclusão como cidadãos.²⁵

Por conseguinte, o acesso à escolaridade franqueado a essa geração de jovens possibilitou que a alfabetização fosse uma experiência compartilhada por muitos membros da “coletividade de cor”, todavia, as escolas públicas dessas décadas eram concebidas como instrumentos de homogeneização, melhoria e nacionalização da cidadania.²⁶ Logo, o interesse ao integrar argentinos de todas as origens e imigrantes – condicionando-os a um idioma em comum e ao ensino e aprendizado de uma história singular – evidencia o anseio das elites em manter o processo de homogeneização em vigência.²⁷

Conforme argumenta Paulina Alberto, as escolas também foram um dos espaços onde a ideologia do nacionalismo e do liberalismo das elites se difundiu, sendo internalizada, em partes, pelos afro-argentinos. No último quartel do século XIX, esse segmento populacional deixou registrado nas páginas dos jornais o que as escolas significavam para crianças negras: lugar em que sofriam discriminação por não se ajustarem às normas de aparência, vestimenta, comportamento ilibado e a outros indicadores de pertencimento nacional presumidamente neutros em termos raciais.²⁸

Zenón Rolón, Casildo G. Thompson, Froilan P. Bello, Ernesto Mendizábal, Santiago Elejalde e Manuel Posadas, todos oriundos desse processo de escolarização, compartilhavam não só a experiência no âmbito educacional como também a inclinação à “política de respeitabilidade”: códigos de conduta e estilo de vida “civilizada” e “moderna” que, supostamente, conduziriam a “classe de cor” a prosperar e desfrutar de uma cidadania substantiva.²⁹ Apesar da intenção em atuar politicamente em busca de igualdade racial,

25 BARRACHINA, M. A. (2020). ‘Una igualdad que haría infelices a las gentes de color y a la alta clase’. Educación, género y ‘raza’ en tiempos de abolición (Buenos Aires, 1810-1860). In: GHIDOLI, M. L.; GUZMÁN, F. (comp.). **El asedio a la libertad**. Abolición y Posabolición en el Cono Sur. Buenos Aires: Biblos. (p. 274-268). Ver también: BARRACHINA, María Agustina. Entre la igualdad y la segregación: las disputas por la educación de los afrodescendientes en el Buenos Aires postrosista. **Claves**, [s.l.], v. 5, n. 2, p. 115-143, 2020.

26 Convém destacar que a escravidão na Argentina foi abolida no ano de 1853. No entanto, como Buenos Aires não fazia parte da federação nesse período, a escravidão na cidade foi extinta somente em 1861. Nas décadas seguintes, as elites de Buenos Aires, arquitetas da nova república, compreendiam que a educação constituía um dos instrumentos impulsionadores de seu projeto de nação civilizada. Ver: CANDIOTI, Magdalena. **Una historia de la emancipación negra**: esclavitud y abolición en la Argentina. Ciudad de México: Siglo XXI editores, 2021.

27 ALBERTO, Paulina L. **Leyenda negra**: las múltiples vidas de Raúl Grigera o el poder de los relatos raciales en Argentina. Buenos Aires: Prometeo libros, 2024. p. 74-75.

28 Ibidem, p. 75.

29 A noção de “política de respeitabilidade” inspira-se na obra *Righteous discontent*, de Evelyn Brooks Higginbotham. Ao analisar a atuação das ativistas afro-americanas nas igrejas batistas, em um período correlato ao deste artigo, Higginbotham assinala que a política de respeitabilidade exigia que cada pessoa da comunidade negra assumisse a responsabilidade de autorregular seu comportamento e buscar a melhoria pessoal em termos de polidez, urbanidade, preceitos morais, educacionais e econômicos: o objetivo era distanciar-se o máximo possível das imagens cristalizadas pelos estereótipos racistas. Ver: HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. **Righteous discontent**. Cambridge: Harvard University Press, 1994. GATES JR., Henry Louis. **Caixa-preta**: escrevendo a raça. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

assim como outros grupos atuantes da imprensa negra na América Latina,³⁰ esse grupo de intelectuais de Buenos Aires, em alguns momentos, preferiu minimizar a importância da raça e exaltar a necessidade da população negra de incorporar as virtudes cívicas, sociais, culturais, morais, comportamentais, educacionais, em suma, assimilar os atributos associados ao nacionalismo, ao capital social e à distinção simbólica (retidão, etiqueta etc.).³¹ O objetivo era se distanciar o máximo possível das imagens perpetuadas pelos estereótipos racistas.

Nas páginas da imprensa negra, encontram-se debates que ilustram as preocupações em relação aos comportamentos que ajudariam o indivíduo na obtenção de ganhos no campo da honorabilidade, das virtudes e do progresso social. Essas discussões, que englobavam a “política de respeitabilidade”, todavia, estiveram longe da unanimidade, inclusive entre o grupo de pessoas ativas nas publicações e seus maiores interessados. Muitos dos temas trazidos nesses periódicos tratavam de salientar aos píncaros a adoção de ideias liberais, sob a premissa de que virtuais oportunidades na vida seriam concedidas à “coletividade de cor” caso se adequasse a tais ideias. Para tanto, enfatizavam a mudança no comportamento e *habitus* cultural, ao passo que secundarizavam o fator racial, buscando, assim, formar os membros de sua comunidade para que aderissem à “política de respeitabilidade”.³²

Apesar de uma cidadania, oficialmente, sem distinções raciais e da ausência de leis explicitamente discriminatórias na Constituição de 1853, a exclusão baseada na cor era uma realidade na vida dos afro-argentinos, portanto, mesmo que possuíssem nos jornais um espaço de conscientização, não é estranho notar que, naquele contexto, os periodistas e letrados afro-argentinos comungassem de um sentimento que ressoava em quase toda a América Latina nas conjunturas posteriores à abolição: a sensação de serem marginalizados, párias ou estrangeiros em seu próprio país.³³ Não à toa, a imprensa negra de Buenos Aires funcionou como um importante veículo de comunicação e de denúncia do quadro de subalternização do segmento populacional que representava.

Contudo, não existia uma única maneira de ser afro-argentino; logo, é escusado dizer que não havia um único caminho para alcançar a inserção e o reconhecimento na comunidade nacional, nem consenso quanto ao melhor projeto de empoderamento e ascensão social. Uma polifonia de vozes e de retóricas raciais foram confabuladas. Uma delas – a de Zenón Rolón, colocada em circulação por meio do folheto *Dos palabras à mis hermanos de casta* – repercutiu na imprensa afro-argentina.

30 ALBERTO, Paulina L.; ANDREWS, George Reid; HOFFNUNG-GARSKOF, Jesse (org.). **Voices of the race: Black newspapers in Latin America, 1870-1960**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

31 A minimização da importância da raça, por parte de alguns afro-argentinos, estava relacionada a uma política de pertencimento nacional. Tratava-se, assim, da internalização negra de uma identidade argentina. Isso indica que a invisibilidade da “coletividade de cor” não foi obra somente da narrativa hegemônica dos setores racistas da sociedade. Não priorizar uma identidade racial em detrimento da nacional também consistiu em uma estratégia de alguns afro-argentinos em vista de sua inclusão e aceitação pela “comunidade imaginada”.

32 HIGGINBOTHAM, op. cit.

33 ALBERTO, op. cit., 2024, p. 99.

A controvérsia

AO DISCUTIR a situação da “sociedade de cor”, Rolón a caracteriza como uma comunidade “preguiçosa, dissoluta e depravada”, e que tal estado de anomia social enfrentado pelo grupo abafava o grito de liberdade que outrora foi ressoado com a proibição do tráfico de escravos e com o fim do cativo na Argentina. Do ponto de vista do maestro, o vício e a ignorância acorrentavam os afro-argentinos, fazendo com que vivessem em completa degradação, sem condições de cultivar o amor-próprio e, em consequência, o amor mútuo. Ao se apoderar dessa imagem de “degeneração da raça”, Rolón desaprovava o comportamento e estilo de vida da comunidade negra, condenando a indiferença que se perpetuava no interior do grupo. A seu ver, os “homens de cor” de Buenos Aires pouco faziam para retirar a sua comunidade do atraso. Aliás, o atraso e a pouca organização da “sociedade de cor” eram as mazelas centrais no argumento de Rolón:

Pois bem: finalmente chegou o dia em que deves quebrar este encanto da brutalidade em que estamos imersos, e lembrar que somos homens; e como tal operar. Qual é a associação de ajuda mútua que temos? Qual é o Clube Industrial? Nenhum - enquanto na Europa, você encontrará muitos, bem organizados [...]. Por que vocês não querem acreditar que na força reside a união? Não sabes que o princípio da associação é interessante, uma garantia para as famílias? [...] Pois bem, dê um exemplo disso e começamos a agir novamente; ainda mais, que hoje temos os olhos dos civis voltados para nós, e que o primeiro passo que daremos em direção à nossa casta será saudado com aplausos. [...] Unimos então, este teu sincero irmão lhes implora novamente, que te ama e que está interessado na nossa sorte; e uma vez que nós tenhamos apertado a mão um com outro, e jurado fidelidade por nossa ressurreição, então nossa instituição será baseada em fundações sólidas e na construção de nossa grande ideia surgirá o monumento eterno de glória.³⁴

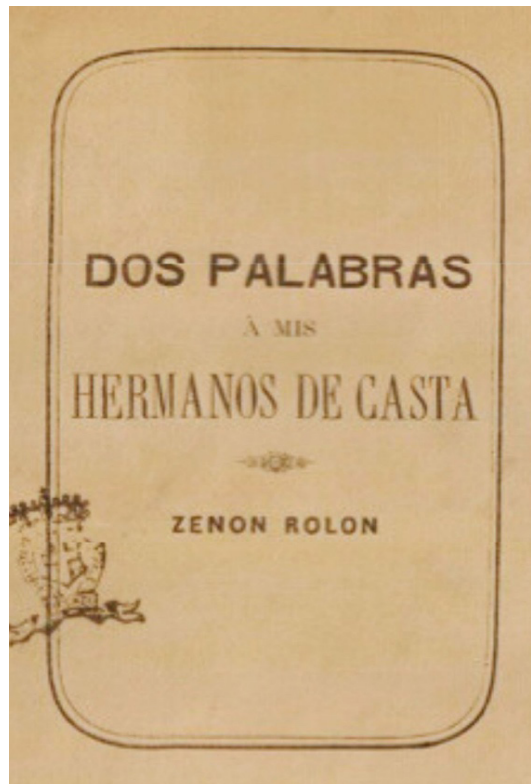
Tendo como finalidade a elevação da “sociedade de cor”, Rolón conclamava a todos os afro-argentinos a se engajarem na vida associativa. Apesar de que em Buenos Aires homens e mulheres negros já experienciavam a prática do associacionismo, haja vista as dezenas de instituições criadas por uma parcela desse segmento populacional desde a década de 1850, Rolón criticava o grupo devido à ausência de uma instituição expressiva. Na avaliação do maestro, a fundação de uma instituição respeitável era essencial para que a “comunidade de cor” obtivesse educação, compreendida como o único caminho emancipatório para eliminar a servidão à qual os “homens de cor” estariam acostumados. Valendo-se de sua experiência na Europa, Rolón preconizava os benefícios do progresso, recorrendo aos modelos de instituições modernas, a exemplo de clubes e agremiações de trabalhadores italianos. Aprender ofícios e filiar-se a grêmios proporcionaria um avanço moral à “sociedade de cor”.

Em 1877, tão logo os primeiros exemplares do seu folheto começaram a circular em Buenos Aires, as alfinetadas tomaram lugar no periódico *La Broma*. Por sinal, a posição desse periódico fez com que em suas páginas transbordasse uma saraivada de críticas

34 ROLÓN, Zenón. **Dos palabras à mis hermanos de casta**. Florencia: Tipografía Fioretti, 1877. p. 8.

ao *Dos palabras à mis hermanos de casta*. Nos meses seguintes, *La Perla* e *El Unionista* aliaram-se ao *La Broma* e também se tornaram detratores do folheto.

Figura 3: Capa do folheto de Zenón Rolón – *Dos palabras à mis hermanos de casta*.³⁵



Demonstrando um tom de surpresa, o periódico *La Broma* revelou que não esperava que alguém tão destacado entre os membros da comunidade afro-argentina como Zenón Rolón pudesse ter uma concepção tão incorreta sobre “sociedade de cor”. Publicada no editorial do jornal no dia 1 de novembro de 1877, esse desagravo sinaliza que Rolón e seu folheto deveriam ser imediatamente refutados. A resposta mostraria ao músico, então residente na Europa, o quanto ele estava desatento e afastado do grupo, razão pela qual não se encontraria capacitado para julgar os avanços que a “sociedade de cor” tinha alcançado em Buenos Aires. Diante da necessidade de mostrar para Rolón os avanços auferidos pela “coletividade de cor”, no mesmo número do periódico os leitores foram comunicados que o jovem Casildo G. Thompson se preparava para responder ao polêmico *Dos palabras à mis hermanos de casta*. Dali em diante, a arena estava armada e as páginas dos jornais serviam como um espaço no qual os embates aconteciam.^{36WWW}

Em 30 de novembro de 1877, alguém que assinava com o pseudônimo de “El Nato” publicou no *La Broma* o seguinte poema:

35 O folheto foi encontrado na cidade de Florença (Itália) por Norberto Pablo Cirio, que gentilmente cedeu uma fotocópia do documento a um dos autores deste artigo. Ver CIRIO, Norberto Pablo. Piel negra, música blanca. Músicos y compositores afroporteños en Europa durante la segunda mitad del siglo XIX. **Culturas Musicales. Revista de investigación de los profesionales del IIEt**, v. 1. 2015.

36 NOTICIAS por quitaes. **La Broma**, [s.l.], p. 3, 1 nov. 1877.

Amigo, Don Zenón
Disfarce-se a falta
se ao endereçar esta carta
encontrou um erro

Como terminei o seu folheto
que público em Florença
Trato-me como uma besta
louvo-o pelo seu talento

Sem dúvida você esquece
o país que lhe deu para ser
poder cometer
um ataque tão grande!

Não entendo geografia
e ao meu modo de entender
algum animal deve ser
que antes do dilúvio havia

[...] Don Zenón não se preocupe tanto
em querer me dar escola
pode dar ao seu espírito
menos ao seu amigo.³⁷

Em 1878, as discórdias em torno do folheto de Rolón se acentuaram, uma vez que o caráter de sermão do texto do maestro desagradava os redatores de *La Broma*, e os intelectuais negros não estavam dispostos a receber ensinamentos de um “expatriado” e “petulante” que se achava no direito de dar lições à “sociedade de cor” de Buenos Aires sobre a maneira correta de como seus membros deveriam se preparar para o futuro. O artigo “El folheto de D. Zenón”, publicado no *La Broma*, sublinhou que o maestro, por viver longe, não tinha conhecimento das coisas que ocorriam no país e tampouco do que sucedia no interior do grupo racial do qual ele também “fazia parte”. Com ironia, o artigo asseverava que, de Florença, Rolón não deveria se preocupar em escrever ensaios literários e sim voltar a se dedicar às suas aulas de piano e violino, “o que ele sabia fazer perfeitamente bem”.³⁸

Foi nessa atmosfera que Rolón passou a ser referido pelos redatores de *La Broma* como o *Florentino*. A alcunha utilizada pelos redatores deixava patente que, para além de um forasteiro, o maestro poderia ser considerado um renegado, ou seja, uma espécie

37 SEÑOR D. Zenon Rolon. *La Broma*, [s./l.], p. 3, 30 nov. 1877.

38 EL FOLLETO D. Zenon. *La Broma*, [s./l.], p. 1, 31 ene. 1878.

de traidor da causa, “alguém que deixou para trás o orgulho e a glória argentina”.³⁹ *Dos palabras...* era (des)qualificado como um insulto à “sociedade de cor”. Do ponto de vista dos redatores e colaboradores de *La Broma* e de outros periódicos que atacaram o folheto, parece que o incômodo foi provocado em função de Rolón, ao expor suas opiniões, generalizar as suas críticas, enquadrando os próprios intelectuais negros como “párias da sociedade”:

Ele [Zenón Rolón] mente, porque ele não sabe o que diz, [perdoamos]; estamos indignados com o absurdo do folheto florentino [...] sem nos lançarmos a tratar de questões que o míope nos ocupa, mas não sabe discernir. Sem dúvida, seu telescópio perdeu de vista os lagos verdes e floridos da América do Sul. [...] Como você [Rolón] é estúpido.⁴⁰

O folheto de Rolón não moderava as críticas e alvejava toda “comunidade de cor”. Por conseguinte, as investidas contra *Dos palabras...* vinham de lugares distintos. No início de fevereiro de 1878, *La Broma* informava aos seus leitores que o folheto também havia causado indignação em Montevideú, conforme manifestado pelo “amigo da vizinha ilha”, possivelmente uma referência ao periódico afro-montevideano *La Regeneración*. Do outro lado da margem do Prata, reeditava-se a acusação de que a visão ofuscada de Rolón fez com que ele projetasse uma visão equivocada sobre a “sociedade de cor”.⁴¹

As colunas de *La Broma* ficaram pequenas para a torrente de questionamentos e contestações ao folheto de Rolón. No artigo “Sobre el mismo tema”, publicado no *La Broma* em 8 de fevereiro de 1878, alguns pontos de *Dos palabras...* foram repelidos de forma categórica, a partir do argumento de Rolón, segundo o qual, caso seus antepassados olhassem para a situação atual da “sociedade de cor”, eles acusariam – e com razão – os afro-argentinos de estarem vivendo uma vida vil e preguiçosa, merecendo ser denunciados pela indiferença às dores e aos sofrimentos de seus avós. Nesse sentido, os afro-argentinos deveriam focar no progresso e “não permanecerem nessa vida miserável”.⁴² Sem hesitar, o artigo de *La Broma* desmentia a opinião de Rolón: “Se nossos avós se levantassem de seus túmulos e escutassem as palavras daquele neto ingrato, eles se envergonhariam de ter contribuído com seu sangue para a emancipação de três Repúblicas, escalando os picos nevados dos Andes sob o comando do Grande Capitão San Martín, glórias de nossas glórias”.⁴³

O duro golpe dado por Rolón precisava ser revidado de forma contundente. Para tanto, os editores e os colaboradores dos jornais se esforçaram por demonstrar o desenvolvimento alcançado pelo grupo. O artigo “Sobre el mismo tema”, do *La Broma*, apresentava figuras

39 EL FOLLETO de D. Zenón. *La Broma*, [s.l.], p. 1, 31 ene. 1878.

40 Ibidem.

41 EL FOLLETO de D. Zenón. *La Broma*, [s.l.], p. 4, 8 feb. 1878.

42 ROLÓN, Zenón. *Dos palabras à mis hermanos de casta*. [s.l.], [s.n.], [19--]. p. 7.

43 SOBRE el mismo tema. *La Broma*, [s.l.], p. 1, 8 feb. 1878. Para maiores informações acerca da participação de africanos e seus descendentes nos exércitos de libertação, ver: MALLO, Silvia; TELESKA, Ignacio. *Negros de la patria*. Los afrodescendientes en las luchas por la independencia en el antiguo virreinato del Río de la Plata. Ciudad de México: Sb Editorial, 2010.

de destaque da comunidade, que venceram na vida – exemplos da trilha do progresso que estava sendo percorrida pelos “homens e mulheres de cor”. Além disso, uma lista de instituições – sociedades musicais, literárias e de ajuda mútua – era citada e enaltecida, servindo para exibir a Rolón os degraus de evolução galgados pelo grupo. E, não menos importante, era indicar ao maestro que a profusão de periódicos da “sociedade de cor”, expressão de sua inserção na cultura impressa argentina, igualmente atestava os avanços na ação coletiva da comunidade. Portanto, os afro-argentinos de Buenos Aires se percebiam bem acomodados na carruagem do desenvolvimento social e cultural.

As ideias de Rolón também foram rechaçadas por Casildo G. Thompson, por meio do artigo “La hora de Redencion”, publicado em dezembro de 1877, no *El Unionista*, semanário em que o escritor era colaborador junto de Froilan P. Bello: “Não faz muito tempo, lemos, em um pasquim de calúnia desprezível, escrito por um homem pobre, a quem devemos olhar com pena e não com ira, que o homem de cor em nosso país não possuía a dignidade de consciência (!) Que ele era um ser depravado, dissoluto, em suma, uma úlcera social”.⁴⁴ W

Na avaliação de Casildo Thompson, Rolón errava ao direcionar seu folheto a uma “sociedade de cor” que já não era aquela de meio século atrás. A atual seria diferente: por exemplo, os “homens de cor” de Buenos Aires já se destacariam pela inteligência e trabalho, “pois viver é pensar e trabalhar”.⁴⁵ O escritor recomendava a Rolón que examinasse o quadro em perspectiva histórica. Assim, ele logo perceberia o descompasso de *Dos palabras...* frente à realidade da “coletividade de cor”. A falta de liberdade, o obscurantismo, a ignorância seriam elementos que fizeram parte da vida dessa coletividade, não mais sendo encontrados no presente. Thompson frisava que os afro-argentinos viviam em uma condição totalmente diferente, uma vez que romperam com o passado de atraso e escravidão. As “dolorosas feridas que há tantos tempos dilaceraram seus corações” estavam sendo curadas. Assim, a situação da “sociedade de cor” era completamente distinta daquela estampada por Rolón em seu folheto.⁴⁶

O semanário *La Juventud* teve uma posição diferente de *La Broma* e outros veículos da imprensa negra de Buenos Aires. Tanto que a comissão diretiva do semanário decidiu publicar o folheto do “inteligente cavalheiro”, D. Zenón Rolón, em duas edições, de 30 junho e 10 de julho de 1878. A justificativa para a publicação de *Dos palabras...* era atribuída à série de verdades, “ainda que amargas, contidas no folheto”. Para *La Juventud*, havia chegado a hora de falar de forma honesta com a “sociedade de cor”, e as lições de Rolón poderiam

44 LA HORA de Redencion. *El Unionista*, [s./l.], p. 2, 9 dic. 1877.

45 Ibidem.

46 Ibidem.

ser empregadas como bálsamo a suas dores cotidianas.⁴⁷ No entanto, o semanário advertia “os tolos, mimados e retrógrados” que o folheto de Rolón “os faria derramar mais do que uma lágrima”.⁴⁸

La Juventud parece ter sido o único semanário da imprensa negra que fez apologia do folheto. Talvez por isso a maioria dos afro-argentinos que se alinhou às ideias do maestro estava de alguma forma ligada ao *La Juventud*, como foi o caso de Manuel G. Posadas, que, em artigo – “La hora del trabajo” – publicado no periódico, mostrava aos seus pares que a estrada para o progresso se encontrava “no patriotismo, na luta incessante com muito ardor, semelhante àquela travada entre antigos gladiadores romanos”.⁴⁹ Para tanto, havia a necessidade de superar as divisões internas do grupo, a fim de evitar a sua fragmentação. A fundação de três ou quatro semanários e de outras tantas sociedades de socorros mútuos eram alguns dos impedimentos para o progresso da “sociedade de cor”. Ou seja, para Posadas, a proliferação de jornais e instituições não significava avanço. Pelo contrário, esses elementos dispersos eram inconvenientes ao futuro de prosperidade do grupo. Assim como Rolón, Posadas também argumentava pela fundação de uma única sociedade que, sendo bem administrada, satisfaria as necessidades da “sociedade de cor”.⁵⁰

Já Gabino Marcelo Arrieta, no artigo “Apuntes para la história”, publicado no *La Juventud*, mostrava-se abertamente adepto das ideias de Rolón. Encontrando-se no estrangeiro, este era visto por Arrieta como um grande homem que deveria ser reverenciado por lutar em defesa de seus “irmãos de cor”. O maestro seria um homem digno, distinto, que oferecia soluções sociais e políticas para seus semelhantes. No artigo, Arrieta aproveitava para reforçar que Rolón tinha um espírito ordeiro, de modo que se colocava à altura das grandes personalidades que buscaram seu triunfo pessoal e também coletivo. O maestro batalhava pelo direito de igualdade, “buscando por uma revolução moral em toda sua complementariedade”. Admirado pela sua simpatia, vivia distante dos partidos e não subordinava suas convicções.⁵¹

A conexão de Rolón com o *La Juventud* se efetivou ao longo da controvérsia. Alarmado com a repercussão de seu folheto, o maestro se comunicou por cartas com Gabino Marcelo Arrieta, o editor do semanário da “coletividade de cor”. A troca de correspondências, realizada entre fins de 1878 e o início de 1879, veio a público seis meses depois quando Benjamin Ramos, diretor do *La Juventud*, enviou à comissão diretiva do *La Broma* trechos das cartas que foram publicadas no periódico. De maneira afável, Rolón respondeu à carta de Arrieta, que possuía incontáveis elogios ao maestro. Graças a

47 O periódico *La Juventud* reproduziu o folheto de Rolón em duas edições – de 30 de junho e 10 de julho – e fez alteração no título, substituindo a palavra “casta” por “raça” (*Dos palabras à mis hermanos de raza*). Ver: EL FOLLETO de Zenón Rolón. *La Juventud*, [s.l.], p. 1-2, 30 jun. 1878. EL FOLLETO de Zenón Rolón. *La Juventud*, [s.l.], p. 1-2, 10 jul. 1878.

48 EL FOLLETO de Zenón Rolón. *La Juventud*, [s.l.], p. 1-2, 30 jun. 1878.

49 LA HORA del trabajo. *La Juventud*, [s.l.], p. 1, 10 feb.1878.

50 Ibidem.

51 APUNTES para la história. *La Juventud*, [s.l.], p. 1, 20 jun. 1878.

Benjamin Ramos, que conseguia lhe enviar alguns números do *La Juventud*, Rolón estava entre os leitores do periódico. Porém, ao se corresponder com os editores do *La Juventud*, não minimizava suas críticas à “sociedade de cor”. Inclusive, nas cartas, ele aproveitou para tocar em alguns pontos que estavam ausentes em seu folheto, entre eles o papel da imprensa e das mulheres ante a comunidade.⁵²

Seja como for, quando estabeleceu contato com os redatores do *La Juventud*, Rolón obteve informações detalhadas sobre a agitação que seu folheto tinha causado, sobretudo entre os afro-argentinos que residiam em Buenos Aires. O maestro aproveitava o contato com a direção do semanário para reforçar suas críticas a algumas práticas e costumes que, em seu entender, obstaculizavam o desenvolvimento da “sociedade de cor”. Convicto de suas ideias, ele preconizava uma melhora no interior do grupo. Em suas palavras: “Quando penso no que somos e no que poderíamos ser, gostaria que fosse possível em um dia, em uma hora, [...] poder colocar nossa raça em primeiro lugar do progresso”.⁵³

Ao relacionar “raça” e “progresso”, Rolón operava de maneira parecida com Du Bois, quando este residiu por um tempo na Alemanha. Segundo Gilroy, a estadia na Europa fez com que o intelectual afro-americano transformasse o seu entendimento de “raça” e o lugar deste marcador da diferença no mundo moderno. Embora este artigo não tenha a pretensão de dimensionar os efeitos e as transformações que a experiência no Velho Continente causou no entendimento de Rolón sobre “raça”, um aforismo – como “colocar nossa raça em primeiro lugar do progresso” – aponta os possíveis impactos que a permanência na Itália poderia ter lhe provocado.

* * *

Em 2011, o pesquisador Norberto Pablo Cirio localizou um exemplar *Dos palabras...*, publicado em Florença, o qual constitui a base nevrálgica para a análise do presente artigo. Até então, o folheto de Rolón era conhecido apenas por uma reprodução do jornal afro-portenho *La Juventud*, que substituiu a palavra “casta” por “raça” no título, gerando interpretações variadas. Lea Geler, que analisou o folheto sem ter acesso ao original, sugere que Rolón usou o termo “raça” com um sentido biologizante, conforme os preceitos cientificistas da época. Esta interpretação é passível de problematização, pois, a nosso ver, que consultamos a fonte original, o maestro e seus interlocutores não consideravam a “raça” como um fator biológico, mas antes como uma questão social e histórica que explicava o atraso da “coletividade de cor”.⁵⁴

O folheto de Rolón despertou alaridos e polarizações: reações positivas e negativas no interior da “sociedade de cor” da Argentina, a qual não era monolítica, de modo semelhante

52 EL SEÑOR Rolón. *La Broma*, [s./l.], p. 1-2, 20 jul. 1879.

53 *Ibidem*.

54 GELER, op. cit., 2010, p. 183-190.

a outros grupos da “comunidade imaginada”. Por esse motivo, o folheto suscitou uma querela sobre qual seria a explicação para a situação desfavorável dos negros em Buenos Aires. Enquanto alguns intelectuais afro-argentinos discordavam do folheto de Rolón, rebatendo com virulência os ataques do maestro, outros intelectuais concordavam com o folheto, responsabilizando as condutas de homens e mulheres negros nas últimas décadas do século XIX como a principal causa da sua situação.

O posicionamento de Rolón, propalado por meio do folheto, deve ser inserido no contexto da experiência diaspórica de viagem transatlântica, quando o maestro estabeleceu diálogos com o mundo letrado europeu. Ainda que de maneira seletiva, ele se apropriou e transplantou o paradigma daqueles que entendia como “evoluídos”. Por conseguinte, a experiência no exterior, vista como uma maneira de adquirir valores “modernos” e “civilizados”, foi projetada pelo afro-argentino em detrimento daqueles que não tiveram a oportunidade de se “refinar” na Europa. Nessa lógica, é possível pensar que, ao se reinventar como um novo “homem de cor”, Rolón entendia a si próprio como distinto – mais “moderno” e “civilizado” –, quando comparado com os homens e mulheres que formavam a “sociedade de cor” de Buenos Aires.⁵⁵

De fato, Rolón se distinguiu da maioria dos intelectuais negros da capital do país. Maestro e compositor, teve uma carreira notável, no final do século XIX, em razão de sua talentosa e expressiva produção musical. Ele ainda era destaque nos jornais da grande imprensa, tanto na Argentina como no exterior. Talvez por isso ele não se dava de rogado em se ver como um negro sofisticado e diferenciado, que, no decorrer do tempo, tornou-se uma espécie de ícone de sua geração. No entanto, essa não parece ter sido a circunstância desencadeadora do embate travado entre a imprensa negra e o maestro.

O mote da querela foi a publicação do folheto *Dos palabras...*, que deve ser compreendido à luz do dilema de Rolón ante a “dupla consciência”, isto é, como expressão da ambivalência do autor conciliar uma dupla identidade – argentino (marcador nacional) e negro (marcador racial) –; “duas almas, dois pensamentos”, dois ideais que coexistiam num corpo escuro. Parafraseando Du Bois, a história do negro argentino é a história dessa ambiguidade – este anseio de se integrar à comunidade nacional, ser reconhecido em sua humanidade e potencialidade, sem precisar renunciar à consciência racial. Nesse processo, ele não deseja que uma ou outra de suas identidades se diluam. Ele não africaniza a Argentina, porque a Argentina tem muitas coisas a ensinar ao mundo e à África.

55 Stella Scatena Franco sublinha que as viagens para a Europa e para os Estados Unidos foram uma prática habitual entre homens e mulheres da América Latina no decorrer do século XIX. Esses lugares eram entendidos como “mundo civilizado”, sobretudo pela “elite” latino-americana, uma vez que era essa camada social que mais atravessava o oceano com o intuito de se sentir parte desse mundo “culto, organizado e racional”. Todavia, Stella Franco nos alerta para o fato de os europeus não necessariamente perceberem os latino-americanos como integrados ao seu mundo, situação que provavelmente jogou um papel importante nas sensibilidades dos viajantes: “É preciso, então, ficar atento não apenas a um olhar valorativo, mas também a possíveis críticas e questionamentos das formas de funcionamento nas regiões frequentadas por esses atores”. Ver: FRANCO, Stella Maris Scatena. **Viagens e relatos**: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 160.

Tampouco deseja desbotar sua alma negra numa torrente de argentividade branca, porque sabe que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo da modernidade ocidental. Ele simplesmente almeja que alguém possa ser ao mesmo tempo negro e argentino ou, antes, negro e moderno-ocidental, com dignidade, sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus compatriotas, sem ter as portas da oportunidade brutalmente batidas na cara.

Considerações finais

ZENÓN ROLÓN permaneceu na Itália por seis anos. Embora vivendo na Europa, manteve-se conectado às questões de sua terra natal, sendo a publicação de *Dos palabras à mis hermanos de casta* uma prova disso. No polêmico folheto, Rolón acusava seus companheiros afro-argentinos de atraso e pouca organização, causados por suas próprias negligências; repreendia-os por uma série de comportamentos que confirmariam os piores estereótipos raciais empunhados por seus compatriotas brancos. Ao menos que os afro-argentinos mudassem seus comportamentos, advertia Rolón, seguiriam fomentando e confirmando as impressões injuriosas e carregadas de ódio contra eles, como era ostentado na frase “*há fecho cosa de negro!*”, que indicava o quanto o termo “negro” estava associado a tudo aquilo que fosse estúpido, grotesco e vergonhoso.⁵⁶

No entanto, o folheto também sinalizava a crença de Rolón de que os afro-argentinos poderiam, por meio da incorporação de outros códigos, signos e *habitus*, afastarem-se daquele estado de anomia social, com seus estigmas, vícios e achaques desabonadores. Assim, para além de apresentar e discutir os entraves ao progresso moral e social dos “homens e mulheres de cor” da Argentina, Rolón não se furtava em apresentar soluções ao grupo, apontando o caminho “redentor”, ou seja, as possibilidades e direções que a “sociedade de cor” deveria seguir para reverter aquele cenário de desigualdades.

O folheto repercutiu no seio da comunidade afro-argentina, sobretudo entre suas lideranças e seus órgãos de comunicação. Se levarmos em consideração as opiniões de alguns afro-argentinos sobre *Dos palabras...*, parece que Rolón não tinha conhecimento dos esforços incessantes realizados por um razoável número de intelectuais negros de Buenos Aires que se empenhavam para que a “sociedade de cor” progredisse. Porém, em certa medida, talvez fosse acertada a crítica de que Rolón estivesse um pouco apartado de seus “irmãos de cor” para notar as mudanças experimentadas no interior da comunidade, ou os esforços de seus representantes em guiá-la na direção da prosperidade e da conquista da cidadania substantiva.

Muito do que estava no folheto ecoava aos afro-argentinos de forma provocativa ou mesmo ultrajante. Todavia, em essência, o folheto de Rolón tocava em problemas

⁵⁶ ALBERTO, op. cit., 2024. p. 128.

apontados por diversos intelectuais negros, que, por meio dos editoriais dos periódicos nos quais escreviam, empregavam a mesma retórica da “política de respeitabilidade” – com prescrições de códigos de conduta e estilo de vida “civilizada” e “moderna” –, tentando influenciar “homens e mulheres de cor” a participarem do impulso do progresso experimentado em todo país.

Não é de estranhar que isso ocorresse. A “dupla consciência” – que era tecida em camadas no pensamento de Rolón – fez parte da experiência afro-diaspórica, sendo compartilhada em maior ou menor grau pelos negros na Argentina. O conceito de “dupla consciência” enfatiza como a subjetividade negra, no mundo da modernidade atlântica, é caracterizada pela ambivalência. Segundo Du Bois, este é o sentido da luta do negro em sua experiência diaspórica: ser colaborador no reino da cultura, escapar da morte e do isolamento, administrar e utilizar o melhor da sua potência e do seu gênio latente. Tais poderes do corpo e da mente foram, no passado, perdidos, desbaratados ou esquecidos.

Na Argentina, no período desde a Libertação, a agitação do negro, em muitos esforços hesitantes e duvidosos, tinha feito amiúde com que a sua própria força parecesse perder a eficácia, dando a impressão de ausência de energia, fraqueza e alienação. No entanto, não era isso: tratava-se de ambivalência existencial; “duas almas, dois pensamentos”, duplicidade de objetivos: ser incluído ao projeto nacional argentino, com sua mística de civilização e progresso, sem abrir mão da *negritude*. Ou, em outros termos, ser incorporado ao ideal da modernidade ocidental, sem precisar abdicar da consciência racial, da origem afro-argentina.

Essa “dupla consciência”, essa busca de alcançar dois ideais irreconciliáveis, forjou a identidade de Rolón e de outros afro-argentinos. Por isso, o caráter doutrinador do folheto do maestro assumia em muitos aspectos um teor semelhante àqueles apresentados nos editoriais dos periódicos da imprensa negra. Isto é, os textos de primeira página dos jornais afro-argentinos também eram carregados de uma linguagem educadora, buscando orientar e advertir, quando não disciplinar, os leitores e leitoras. Toda essa prescrição tinha como objetivo transmitir ou mesmo ensinar os benefícios do progresso para a “sociedade de cor”.

No segundo semestre de 1879, Rolón retornou de sua longa estadia na Europa. Ao desembarcar do navio no porto de Buenos Aires, ele teria encontrado dois grupos distintos de afro-argentinos à sua espera. Enquanto um grupo prometia protestar contra a sua chegada, o outro, formado por fervorosos admiradores, esperava para recepcioná-lo de forma solene. Não sabemos se, de fato, ocorreram tumultos e desordens no desembarque de Rolón. O que sabemos é que ele possuía uma reputação, boa ou ruim, no seio da “sociedade de cor”. Para o bem ou mal, para celebrá-lo ou detrá-lo, um aglomerado de pessoas aguardava inquietamente a sua chegada.

Em 3 de setembro de 1879, ao empregar o pseudônimo de Romeo, Froilán P. Bello valeu-se das páginas do periódico *La Broma* para desejar boas-vindas a Rolón.

Todavia, ainda que em tom amigável, Bello não deixava de mencionar os inconvenientes que o folheto do recém-retornado tinha causado no seio da “sociedade de cor”. Bello relata que, após horas de conversas com Rolón, este reexaminou seus conceitos a respeito do grupo. Embora não possamos confirmar se foi por se sentir intimidado ou finalmente convencido do progresso da “sociedade de cor”, fato é que, segundo Froilán, o maestro reviu seu posicionamento.⁵⁷ O que não nos deixa dúvida é que, de regresso a Buenos Aires, a imprensa negra não fez alusão ao folheto. Em contrapartida, os jornais seguiram cobrindo as atividades do maestro, que decolava em uma carreira de sucesso na Argentina.

Esse foi um contexto em que alguns afrodescendentes escolhiam passar um período no exterior, sendo que as viagens, principalmente à Europa, significavam aquisição de novos códigos, estilos e *habitus*, o que poderia, por um lado, levá-los à reconstrução de sua subjetividade e percepção acerca da própria comunidade em meio às experiências de racialização diaspórica. Por outro lado, essas viagens, seguidas de um aperfeiçoamento acadêmico, profissional ou artístico-cultural, poderiam favorecê-los à abertura de novos espaços de inserção e reconhecimento quando regressavam aos seus “lares”. Essa parece ter sido a estratégia de Rolón.

Ao voltar da Europa, ele se vinculou à Escola de Música e Recitação da Província de Buenos Aires. Em 1881, abriu uma litografia em sociedade com Ezequiel Oca, provavelmente um “homem de cor”, e litógrafo de profissão. No ano seguinte, Rolón participou da Exposição Continental Sul-Americana, realizada em Buenos Aires, e ganhou o prêmio por sua marcha *La Argentina*. Ainda em 1882, ele esteve presente nos Concertos Nacionais ao lado de outros compositores de destaque. Tratava-se de uma série de concertos que, desde 1874, aconteciam no antigo Teatro Colón, com o objetivo de divulgar os principais compositores argentinos. Em setembro de 1884, Rolón regeu uma orquestra de 24 músicos, que executaram sua *Oda Sinfonia* diante do panteão da Sociedade Mutual “La Argentina”, no Cemitério da Recoleta.

Percebe-se como Rolón, ao se aprimorar na Itália, preparou terreno para uma carreira musical ascensional, o que lhe conferiu prestígio, empoderamento e trânsito por diferentes instâncias sociais em sua pátria. Em 1887, ele foi nomeado professor de música pelo Conselho Nacional de Educação. Quatro anos depois, compôs o *Hino para a Comunhão e Al sol de Julio*. Em maio de 1897, durante a inauguração do monumento ao soldado Antonio Ruiz, foi a vez de produzir a marcha *A Falucho*, na ocasião interpretada por uma banda de música da polícia de Buenos Aires. Já em maio de 1900, especialmente para a inauguração do monumento do escultor francês Auguste Rodin, dedicado ao presidente Domingo Faustino Sarmiento, Rolón compôs seu *Hino a Sarmiento*. O compositor e maestro faleceu dois anos depois, em 13 de maio de 1902, em Morón, cidade da província de Buenos Aires.

57 ZENÓN Rolón. *La Broma*, [s.l.], p. 1-2, 3 sep. 1879.

Para finalizar, uma ponderação. De acordo com Gilroy, a dupla consciência emerge da simbiose entre três modos de pensar, ser e ver. O primeiro é “racialmente particularista”; o segundo, “nacionalista”, porque deriva mais do estado-nação; o terceiro é “diaspórico ou hemisférico, às vezes global e ocasionalmente universalista”.⁵⁸ Rolón conjugou tal simbiose como poucos. Coabitavam no seu corpo e na sua mente impulsos raciais, sentimentos nacionalistas e pendores diaspóricos, atravessamentos que lhe forjavam uma personalidade dual: a um só tempo negro, em uma condição diaspórica, e argentino. Sua trajetória faz pensar como as histórias e experiências particulares e locais dos negros portenhos fazem parte de processos mais gerais, descontínuos e nitidamente diferenciados que contribuem para uma diáspora.⁵⁹

Recebido: 30/07/2024

Aprovado: 31/08/2024

58 GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001. p. 249.

59 EDWARDS, Brent Hayes. **The Practice of Diaspora**: literatura, translation, and the rise of black internacionalism. Cambridge: Harvard University Press, 2003. EDWARDS, Brent Hayes. Os usos da diáspora. **Translatio**, [s./], n. 13, p. 40-71, 2017.